

**SOBRE A UBIQUIDADE DO DISSENSO:  
A ANTINOMIA DA PALAVRA  
EM PROTÁGORAS E SEXTO EMPÍRICO<sup>1</sup>**

**Wesley Rennyer M. R. Porto**

UFRN

*Email: wesley.rennyer@hotmail.com*

**Resumo:** A história das ideias parece atestar que as múltiplas formas de positivação do pensar especulativo logo encontram suas respectivas antíteses. A conflagração das disputas teóricas revela, *ab origine sua*, distintas formas de manifestação do que podemos denominar de momento antinômico do λόγος – realização do pensar que se cumpre na palavra e pela palavra. Neste trabalho, apresentamos em paralelo dois casos paradigmáticos da vigência da antinomia dialética: de um lado, a *arte antilógica* de Protágoras, com a qual se inaugura um método peculiar de disputa discursiva; do outro, a *capacidade de oposição* dos pirrônicas, cuja plasticidade e contundência elevam a força enantiológica da palavra ao seu mais alto patamar. Nosso intuito é mostrar a continuidade histórica, as semelhanças e diferenças desses dois mecanismos dialético-antinômicos.

**Palavras-chave:** antilógica, Protágoras, capacidade de oposição, Sexto Empírico.

**Abstract:** The history of ideas seems to attest that the multiple forms of positivization of speculative thinking soon find their respective antitheses. The conflagration of theoretical disputes reveals, *ab origine sua*, distinct forms of manifestation of what we can call the antinomic moment of λόγος – the realization of thinking that is fulfilled in the word and through the word. In this paper, we present in parallel two paradigmatic cases of the validity of dialectical antinomy: on the one hand, the *antilogical art* of Protagoras, with which a peculiar method of discursive dispute is inaugurated; on the other hand, the *capacity for opposition* of the Pyrrhonians, whose plasticity and forcefulness raise the enantiological force of the word to its highest level. Our intention is to show the historical continuity, the similarities and differences of these two dialectical-antinomical mechanisms.

**Key-words:** antilogic, Protagoras, capacity for opposition, Sextus Empiricus.

## **1 Introdução**

O reino da palavra é pródigo em engendrar dissensão. Nada parece haver, dentre as coisas que afirmam os homens, o que não possa ser negado; nem nada que, tendo sido negado, não possa ser afirmado. Onde quer que a palavra tenha prosperado, também lá haverá controvérsia, pois profuso é o conflito que a palavra enseja. Ao dirigirmos nosso olhar à civilização helênica, veremos que a gênese histórica dessa experiência antinômica aparecerá já formulada, ainda que de maneira preambular, na aurora mesma da poesia grega, isto é, nos textos épicos de Homero e Hesíodo –

---

<sup>1</sup> O texto que aqui apresentamos corresponde (com alterações pontuais) a um dos subitens da minha tese de doutorado *Sofística e pirronismo: alvorecer e plenitude da razão negativa*, defendida e aprovada em dezembro de 2022.

donde se espraiairá para a mélica arcaica e, doravante e mais concretamente, para o teatro grego<sup>2</sup>. Sob o prisma diacrônico da história das ideias, a alteração dialógica que precedeu o arranjo dialético céptico-sofístico, aponta para a latência do momento antitético do pensar em geral, revelando-nos que a poesia helênica, antecedendo a filosofia, já intuía quão copiosos seriam os dissensos e as feições da eloquência. Como cantou o ἀοιδός que educou a Grécia:

στρεπτή δὲ γλῶσσ' ἐστὶ βροτῶν, πολέες δ' ἔνι μῦθοι  
παντοῖοι, ἐπέων δὲ πολὺς νομὸς ἔνθα καὶ ἔνθα.

Volúvel é a língua dos mortais; e muitos [são] os discursos,  
de todos os tipos, e vasto [é] o prado das palavras – aqui e ali.<sup>3</sup>

A língua dos mortais é volátil; ela não apenas afirma e nega, mas diz e desdiz o que dissera. A partir dela e por ela afirmações e negações se cumprem, pois infíndos são os discursos. Palavras fluem como torrentes, vêm e vão; palavras inundam o microcosmo da vida humana, e em seu “vasto prado” (πολὺς νομὸς), como entreviu a sabedoria poética helênica, grassa por todos os lados a dissensão. Não há similitude, canta a mélica de Estesícoro, no modo como “os deuses imortais impõem sobre a sagrada terra / incessante discórdia entre os mortais” (θεοὶ θέσαν ἀθανάτοι κατ' αἶαν ἱράν / νεῖκος ἔμπεδον βροτοῖσιν)<sup>4</sup>. O poder da palavra é sobretudo ambivalente, sua força serve à união e à separação, à aquiescência e à divergência – sinuosos são seus caminhos. Disso parece ter se apercebido a espiritualidade grega, porquanto extraiu da mixórdia discursiva dos homens, indirimível e generalizada, a compreensão de que uma imperiosa dicotomia pervadia todo dizer, de modo que ao homem seria possível orientar as palavras numa e noutra direção, tal como nos faculta divisar os versos do drama esquiniano:

καὶ γλῶσσα τοξεύσασα μὴ τὰ καίρια,  
ἀλγεινὰ θυμοῦ κάρτα κινητήρια,  
γένοιτο μύθου μῦθος ἄν θελκτήριος·

E tendo a língua disparado [palavras] não oportunas,  
dolorosas e que muito agitam o coração,  
um discurso pode se tornar atenuante de outro.<sup>5</sup>

Para ambos os lados de uma questão o discurso pode mover-se. A palavra, sendo capaz de cindir-se e tomar caminhos antagônicos, tanto edifica quanto aniquila, inflama e apazigua, afirma e nega: eis a fórmula para tornar pródiga a cizânia entre os homens. Ora, se o litígio das opiniões, como podemos facilmente

---

<sup>2</sup> Para Untersteiner, a antilogia discursiva – que ganhará sua primeira aplicação técnico-filosófica com Protágoras – tem sua origem nas diferentes configurações do mito helênico, vindo a se recrudescer, sobretudo, com o drama arcaico de Ésquilo (Cf. UNTERSTEINER, [1948] 1996, p. 39).

<sup>3</sup> OMERO, *Iliada*, XX, vv. 248-249.

<sup>4</sup> STESICHORUS, fr. 97, 2014, p. 130.

<sup>5</sup> ESCHILO, *Supplia*, vv. 446-448.

supor, fez-se fértil nas questões da vida ordinária, o que dizer sobre sua presença nos assuntos filosóficos? É difícil descrever a pujança da dissensão no domínio da filosofia, pois mesmo as descrições mais fidedignas, isto é, mesmo aquelas que delineassem a radicalidade do dissenso filosófico, mesmo elas, sem exceção, pareceriam eufemismos. Filosofia é guerra! Arena chefiada por Ἔρις! Não é sobre nenhum prado orvalhado que as doutrinas filosóficas repousam em harmonia, mas sim sobre um turbulento campo de batalha argumentativa<sup>6</sup>. Lembremo-nos de que decorrido pouco mais de um século desde que raiou na Jônia a filosofia, a antinomia inerente ao λόγος, cujas infundas discordâncias especulativas denunciavam sua presença, ganhou sua primeira ordenação e exploração filosóficas com Protágoras de Abdera, quem ousou empregar sua pena a serviço da construção de uma legítima τέχνη de disputar com palavras.

Aquilo que Protágoras denominou de τέχνη ἀντιλογική pode ser explicado como a arte de erigir discursos contrários acerca de uma mesma questão. Dito de outro modo, trata-se da concepção de que no âmbito de toda atividade teórica ou experiência humana sempre há, acerca de um mesmo objeto, “dois discursos” (δύο λόγοι) que divergem radicalmente entre si. Como nos assegura Kerferd, a antilógica consistiria “em fazer a mesma coisa ser vista, pelas mesmas pessoas, ora possuindo um predicado, ora possuindo o predicado oposto ou contraditório”<sup>7</sup>. O dissenso e a labilidade das δόξαι, assinalados de maneira genérica e dispersa pela poesia helênica, são aqui plasmados para fundamentar a arte da oposição discursiva, a qual figurava, aos olhos do seu progenitor, Protágoras, como a arte por excelência de erigir antinomias. O pioneirismo protagórico e o escopo da arte antilógica são descritos de modo sucinto (mas com muita correção) por Diógenes Laércio, ao registrar que:

καὶ πρῶτος ἔφη δύο λόγους εἶναι περὶ παντὸς πράγματος ἀντικειμένους ἀλλήλοις· οἷς καὶ συνηρώτα, πρῶτος τοῦτο πράξας.

Ele [foi] o primeiro que dizia haver, acerca de toda questão, dois discursos que se opõem um ao outro; e ele argumentava por meio deles, tendo sido o primeiro a fazer isso.<sup>8</sup>

Além de apontar Protágoras como o precursor da antilógica, Diógenes nos fornece pistas importantes para uma adequada compreensão dessa arte. À luz do relato laerciano, temos como dimensionar, em primeiro lugar, o alcance da dicotomia discursiva explorada pelo sofista trácio: a contrariedade abrange, como podemos ler, toda e qualquer questão examinada. Paralelamente a essa irrestrita possibilidade de se erigir dois λόγοι apostos sobre qualquer assunto, deparamo-nos com uma especificação pontual do procedimento argumentativo do abderita, indicada, especialmente, pelo uso do verbo contrato συνηρώτα, o qual alude a um tipo de raciocínio que progride por perguntas e respostas. Os *dois discursos*, postos dialeticamente em evidência pela antilógica, são a marca do antagonismo interno dos argumentos: é a partir deles que se formam as oposições ou, para sermos mais

---

<sup>6</sup> Como bem resumiu Jonathan Barnes: “O profundo desacordo era um fato filosófico / *Deep disagreement was a philosophical fact*” (BARNES, 1990, p. 3).

<sup>7</sup> “[...] *in causing the same thing to be seen by the same people now as possessing one predicate and now as possessing the opposite or contradictory predicate*” (KERFERD, 1981, p. 61).

<sup>8</sup> LASK-MOST, 31. D26.

precisos, os λόγοι que se apõem reciprocamente<sup>9</sup>. A antilogia protagórica, portanto, aparece como a δύναμις de criar uma díade argumentativo-antitética, isto é, uma dicotomia discursiva que é extraída do núcleo de um mesmo objeto, antinomia que, orientada por um procedimento técnico-argumentativo, revela de que modo o λόγος pode cindir-se em dois polos antagônicos, formando, assim, uma mútua oposição.

Em suas *Epistulae ad Lucilium*, Sêneca nos provê uma pequena amostra daquilo que Protágoras cultivava e ensinava como τεχνή ἀντιλογική, dando ênfase à possibilidade de o discurso encaminhar-se numa e noutra direção:

*Protagoras ait de omni re in utramque partem disputari posse ex aequo et de hac ipsa, an omnis res in utramque partem disputabilis sit.*

Protágoras dizia que acerca de todo assunto pode-se disputar igualmente em ambas as partes, e sobre este mesmo [assunto], se todas as coisas sejam disputáveis em ambas as partes.<sup>10</sup>

O domínio da arte antilógica, para Protágoras, teria a capacidade de conferir àquele que o detém o poder de disputar *in utramque partem*, ou seja, teria a capacidade de dotar o seu possuidor da habilidade de argumentar de um lado e outro de uma mesma questão, explorando o pró e o contra de um mesmo objeto de análise por meio de uma *poésis* dialógica de tese e antítese. Se mantivermos em mente que a espinha dorsal da arte antilógica consiste em erigir contradições acerca de um mesmo assunto, veremos que uma das caracterizações platônicas do sofista – exposta no diálogo homônimo – tem por referência justamente o método antilógico conforme praticado e ensinado por Protágoras, haja vista que o próprio Platão, pela boca do Estrangeiro de Eleia, fala dos σοφισταί nos seguintes termos: “nós sabemos que eles [são] hábeis em contradizer e fazem com que os outros [sejam], tal como eles mesmos, capazes [disso]” (ζύνισμεν ὡς αὐτοί τε ἀντειπεῖν δεινοὶ τοὺς τε ἄλλους ὅτι ποιούσιν ἄπερ αὐτοὶ δυνατούς)<sup>11</sup>. O universal abstrato “os sofistas”, descrito como os que são hábeis em “contradizer” (ἀντειπεῖν), alude, com toda a transparência, a Protágoras, ao qual coube a tarefa de criar e sofisticar, como atesta a tradição doxográfica, os princípios da arte antilógica<sup>12</sup>.

O que pode ser elucidado até aqui é que a antilógica, incidindo sobre alguma questão abordada, desvela e exercita a oposição recíproca entre os λόγοι. Ao que tudo indica, Protágoras transformou em arte a exploração da pluralidade antagônica das opiniões, dando forma a um procedimento argumentativo que pudesse habilitar seus discípulos a produzir e manejar antinomias. Mas como isso se dava? Como se efetivada a técnica protagórica de produzir oposições? Dentre os

---

<sup>9</sup> Segundo Kerferd: “Antilógica [...] consiste em opor um *logos* a outro *logos*, ou em descobrir ou chamar atenção para a presença de uma oposição em um argumento, em uma coisa ou situação. A característica essencial é a oposição de um *logos* a outro, ou por contrariedade ou por contradição / *Antilogic* [...] consists in opposing one *logos* to another *logos*, or in discovering or drawing attention to the presence of such an opposition in an argument or in a thing or state of affairs. The essential feature is the opposition of one *logos* to another either by contrariety or contradiction” (KERFERD, 1981, p. 63).

<sup>10</sup> LASK-MOST, 31. D27.

<sup>11</sup> PLATO, *The Sophist*, 232c.

<sup>12</sup> No passo seguinte do diálogo entre o Estrangeiro e Teeteto (232e), o jovem matemático reconhece o emprego do método da controvérsia como pertencente especialmente aos escritos de Protágoras.

registros de que dispomos, reputamos haver nos Δισσοὶ Λόγοι e no Εὐθύδημος platônico os mais ilustrativos exemplos do emprego da arte antilógica, afinal, malgrado as eventuais simplificações, as descrições de tais fontes são deveras significativas. Pois bem, dos nove capítulos que formam o texto sofisticado dos Δισσοὶ Λόγοι, temos nos quatro primeiros uma clara tentativa de exercitar a ideia central da antilógica de que *sempre há dois discursos divergentes acerca de um mesmo objeto*. Parece-nos nítido que todos eles se esforçam para patentear esse quadro dicotômico, mostrando de que modo uma única e mesma questão é capaz de suscitar discursos diametralmente opostos. Para ficarmos em um só exemplo, leiamos o que diz o começo do terceiro capítulo:

δισσοὶ δὲ λόγοι λέγονται καὶ περὶ τῷ δικαίῳ καὶ τῷ ἀδίκῳ. καὶ τοὶ μὲν ἄλλο ἤμεν τὸ δίκαιον, ἄλλο δὲ τὸ ἄδικον· τοὶ δὲ τῷτὸ δίκαιον καὶ ἄδικον.

Dois discursos são ditos também acerca do justo e do injusto. E a uns uma coisa é justa e outra injusta; a outros a mesma coisa [é] justa e injusta.<sup>13</sup>

Como ocorre no início de outros capítulos dos *Discursos Duplos*, o conteúdo preliminar da argumentação se acomoda ao esquema antilógico, que, por sua vez, coloca em evidência a presença de dois λόγοι que se opõe reciprocamente. Aqui, o conteúdo desponta já imerso numa estrutura antitética que o antecede: estrutura que, em tese, seria capaz de submeter ao seu mecanismo de produzir oposições todo o universo temático do debate filosófico e não filosófico. A particularidade da citação dispõe sobre o problema da justiça e da injustiça sob o arranjo prévio da dicotomia discursiva, exercitando a oposição de um argumento a outro por meio da querela de se saber se a justiça e a injustiça são o mesmo ou se elas diferem<sup>14</sup>. A tese da *mesmidade* contrapõe-se à da *diferença* tornando explícita a descoberta protagórica de que *sempre é possível disputar de um lado e outro de uma mesma questão*. Quando o lexicógrafo Estéfano de Bizâncio declarou que Protágoras “ensinava seus discípulos a censurar e louvar o mesmo [homem]” (τοὺς μαθητὰς δεδιδάχεναι τὸν αὐτὸν ψέγειν καὶ ἐπαινεῖν)<sup>15</sup>, não disse outra coisa senão que o abderita ensinava a parir do ventre de um objeto a contrariedade inerente a este mesmo objeto, e isso, no contexto dos Δισσοὶ Λόγοι, verifica-se nas dicotomias em torno do justo e do injusto e nos demais temas que são ali abordados.

<sup>13</sup> DK90, III, § 1.

<sup>14</sup> Nos Δισσοὶ λόγοι (III, § 2-7), a argumentação da tese que sustenta a identidade entre o que é justo e o que é injusto consiste em elencar uma série de ações consideradas em geral injustas, tais como “mentir” (ψεύδασθαι), “enganar” (ἐξαπατᾶν), “roubar as coisas dos amigos” (κλέπτεν μὲν τὰ τῶν φίλων) ou “perjurar” (ἐπιορκεῖν), as quais, no entanto, em contextos específicos, mostram-se justas: vide o filho que engana o pai para que ele tome o remédio que necessita; o homem que rouba o punhal do amigo que quer cometer suicídio; e o soldado que, capturado, jura solenemente aos inimigos trair sua cidade, porém perjura e não o faz. A argumentação oposta (III, § 13-14), por sua vez, tenta refutar a tese adversária demonstrando os absurdos aos quais ela conduziria, afinal, se justiça e injustiça não diferem, qualquer justiça feita é também uma injustiça: os filhos que tenham feito “algo justo em relação aos pais” (τι δίκαιον περὶ τῶς γονέας), também lhes fizeram “algo injusto” (ἄδικον); igualmente, o indivíduo que conhece um “homem justo” (δίκαιον ἄνδρα), também o conhece como injusto; e se alguém que cometeu injustiças deve morrer, o deve “tendo realizado também muitas coisas justas” (καὶ πολλὰ καὶ δίκαια διαπραξάμενος).

<sup>15</sup> LASK-MOST, 31. D28.

A proposição introdutória do terceiro capítulo dos *Discursos Duplos* nos permite visualizar o arranjo que está pressuposto na aplicação da arte antilógica; todavia, se em decorrência do seu exame o esquema formal da antilógica é vislumbrado, muito se perde da dinâmica própria da arte sofisticada de criar oposições. Por isso, para que não sejamos demasiadamente abstratos – e para que certas sutilezas da τέχνη ἀντιλογική possam ser iluminadas –, convém recuperar alguns trechos do *Eutidemo*, nomeadamente aqueles em que o sofista que dá nome à obra, em parceria com seu irmão, Dionisodoro, exercita a invenção protagórica. Dirigindo-se a Clínias, Eutidemo lança a pergunta que enseja a construção dos dois λόγοι antitéticos: “Ó Clínias, quem são, dentre os homens, os que aprendem, os sapientes ou os ignorantes?” (Ὁ Κλεινία, πότεροι εἰσι τῶν ἀνθρώπων οἱ μανθάνοντες, οἱ σοφοί ἢ οἱ ἀμαθεῖς;)<sup>16</sup> – tendo o jovem respondido que os σοφοί são os que aprendem, levantasse, então, o primeiro polo discursivo da antilógica:

Καὶ ὁ Εὐθύδημος, Καλεῖς δέ τινας, ἔφη, διδασκάλος, ἢ οὐ; Ὁμολόγει. Οὐκοῦν τῶν μανθάνόντων οἱ διδάσκαλοι διδάσκαλοί εἰσιν, ὥσπερ ὁ κιθαριστῆς καὶ ὁ γραμματιστῆς διδάσκαλοι δῆπου ἦσαν σοῦ καὶ τῶν ἄλλων παιδῶν, ὑμεῖς δὲ μαθηταί; Συνέφη. Ἄλλο τι οὖν, ἠνίκα ἐμανθάνετε, οὐπω ἠπίστασθε ταῦτα, ἃ ἐμανθάνετε; Οὐκ ἔφη. Ἄρ' οὖν σοφοί ἦτε, ὅτε ταῦτα οὐκ ἠπίστασθε; Οὐ δῆτα, ἦ δ' ὅς. Οὐκοῦν εἰ μὴ σοφοί, ἀμαθεῖς; Πάνυ γε. Ὑμεῖς ἄρα μανθάνοντες ἃ οὐκ ἠπίστασθε, ἀμαθεῖς ὄντες ἐμανθάνετε. Ἐπένευσε τὸ μεράκιον. Οἱ ἀμαθεῖς ἄρα μανθάνουσιν, ὦ Κλεινία, ἀλλ' οὐχ οἱ σοφοί, ὡς σὺ οἶει.

E disse Eutidemo: [há] certas pessoas a quem chamas preceptor, ou não? Ele concordou. E os preceptores são preceptores dos que aprendem, como o citarista e o professor de escrita, talvez, foram teus preceptores e das outras crianças, e vós pupilos? Ele assentiu. Por acaso, então, enquanto aprendíeis, não sabíeis estas coisas que aprendíeis? Não, ele disse. Então, pois, vós éreis sapientes, quando não sabíeis essas coisas? Certamente não, ele disse. Com efeito, se não [éreis] sapientes, [éreis] ignorantes? Perfeitamente. Vós, pois, aprendendo o que não sabíeis, aprendíeis sendo ignorantes. O jovem assentiu com a cabeça. Portanto, [são] os ignorantes que aprendem, ó Clínias, mas não os sapientes, como tu supuseste.<sup>17</sup>

Como podemos ver, a resposta de Clínias, a saber, a de que os μανθάνοντες são os σοφοί, é posta abaixo pela argumentação de Eutidemo: os preceptores transmitem seus ensinamentos àqueles que não os possuem, logo, é na condição de ignorante que alguém vem a aprender. À luz da pergunta inicial, e considerando a refutação de uma das duas alternativas, é natural esperar que a alternativa contrária, isto é, a de que são os ἀμαθεῖς que aprendem, seja, na realidade, a resposta correta. Ledo engano. Se a princípio ficou demonstrado que não são os sapientes que aprendem, mas os ignorantes, agora há de se demonstrar que não são os ignorantes que aprendem, mas os sapientes. Imediatamente após ter sido confutado pela argumentação de Eutidemo, o jovem Clínias, então, passa a ser interpelado por Dionisodoro:

<sup>16</sup> PLATO, *Euthydemus*, 275d.

<sup>17</sup> *Ibidem*, 276a-b.

καὶ πρὶν ἀναπνεῦσαι καλῶς τε καὶ εὖ τὸ μειράκιον, ἐκδεξάμενος ὁ Διονυσόδωρος, Τί δέ, ὦ Κλεινία, ἔφη, ὅποτε ἀποστοματίζοι ὑμῖν ὁ γραμματιστής, πότεροι ἐμάνθανον τῶν παιδῶν τὰ ἀποστοματιζόμενα, οἱ σοφοὶ ἢ οἱ ἀμαθεῖς; Οἱ σοφοί, ἔφη ὁ Κλεινίας. Οἱ σοφοὶ ἄρα μανθάνουσιν, ἀλλ' οὐχ οἱ ἀμαθεῖς, καὶ οὐκ εὖ σὺ ἄρτι Εὐθυδήμῳ ἀπεκρίνω.

E antes de o jovem adequada e completamente tomar fôlego, Dionisodoro, tendo-o recebido, disse: então, ó Clínia, sempre que o professor de escrita vos ditasse uma lição, quais aprendiam, dentre os garotos, as lições ditadas, os sábios ou os ignorantes? Os sábios, disse Clínia. Portanto, [são] os sábios que aprendem, mas não os ignorantes, e tu, há pouco, não respondeste bem a Eutidemo.<sup>18</sup>

Os irmãos sofistas, retratados artisticamente como hábeis “em lutar com as palavras e em refutar” (ἐν τοῖς λόγοις μάχεσθαί τε καὶ ἐξελέχειν)<sup>19</sup>, dão-nos uma rica amostra do que é argumentar de um lado e outro da questão. É aqui que a dinâmica própria da arte antilógica, trazida à superfície pela efetivação dos “dois discursos que se contrapõem” (δύο λόγοι ἀντικείμενοι), atinge elevado grau de contundência e de transparência, pois é deveras translúcida a maneira pela qual a ambidestria universal do conflito antitético e a radical cisão da palavra são articuladas. Razão contra razão; verbo contra verbo: assim sentencia o método antilógico. Tudo aquilo que é posto pode ser contraposto; tudo que é atestado pode ser contestado; todo dizer pode ser contradito. Somente quando nos damos conta da ubiquidade do conflito das opiniões, persuadidos pelo alerta da tradição sofisticada, é que a arte antilógica, forjada por Protágoras sob o influxo desse dissenso universal, se nos mostra em seu μέτρον próprio, quer dizer, se nos mostra como aquilo que ela de fato representa, que não é senão o mais terrível mecanismo de destruição da negatividade antinômica. Opor um λόγος a outro, ao ponto de instaurar uma equivalência quanto à razoabilidade do que cada discurso aduz, é, em última instância, pôr a verdade das teses filosóficas (e das opiniões em geral) no altar da incerteza. Com isso a antilógica, ao efetivar o τέλος que lhe é peculiar, faz-se um dos pilares do momento antinômico do λόγος, visto que a partir dela e por ela a especulação tética do pensar em geral se dissolve.

No céu das ideias protagóricas, a arte antilógica é decerto uma constelação de importância superior, pois é do seio do conflito entre as δόξαι que o abderita extrai o laurel que coroa seu pensamento. Dando um sentido imanente ao μῦθος, podemos dizer que a arte de Protágoras faz ressoar o verso de Ésquilo que diz: “Entre os deuses, Éris [é] a última que conclui a palavra” (Ἐρις περαίνει μῦθον ὑστάτη θεῶν)<sup>20</sup>. Para pôr em perspectiva o que aqui sinalizamos, devemos, antes de mais nada, ampliar nosso olhar sobre a doutrina protagórica, lembrando que o sofista trácio, diferindo da racionalidade filosófica comprometida com o *ser*, apegou-se precipuamente à dimensão do *aparecer*, cuja forma peculiar de manifestação, na visão fluxo-mobilista do sofista<sup>21</sup>, é inexoravelmente múltipla, repleta de contrariedades,

<sup>18</sup> PLATO, *Euthydemus*, 276c.

<sup>19</sup> *Ibidem*, 272b.

<sup>20</sup> ESCHILO, *Sete contra Tebe*, v. 1053.

<sup>21</sup> Para que se faça notar, contra a corrente majoritária, que a ideia de uma *flusstheorie* efetivamente faz parte da doutrina protagórica, ver o excepcional artigo *La “Dottrina riservata” di Protagora*, do erudito italiano Aldo Brancacci, no qual se demonstra, por meio de um trabalho analítico dos textos platônicos e de outras fontes antigas sobre Protágoras, que a “doutrina secreta”,

ambivalente e mutável. A antilógica, atrelada a essa concepção, traz à tona a natureza conflituosa do mundo fenomênico para o reino do λόγος, donde vemos despontar a ideia de que acerca de qualquer assunto é possível sustentar, com a mesma validade, tanto uma tese quanto a sua contrária, e que a respeito de todas as coisas é perfeitamente possível estabelecer o pró e o contra. Se é certo afirmar que a atividade filosófica sempre visou desvelar o que há de permanente sob as camadas da aparência, então é plausível defender que Protágoras, contrariando por completo a aspiração de encontrar o *substratum* oculto das coisas, acolheu a aparência como aquilo que demarca as fronteiras da cognoscibilidade humana, circunscrevendo o saber à esfera do que aparece de modo relativo a cada um e não à das coisas em si mesmas. É por constatar a contraditória e volátil dinâmica do real que Protágoras se distancia, por um lado, de todo essencialismo metafísico, ao passo que integra à sua concepção de linguagem a heterogeneidade conflituosa que o vir a ser comunica. Se a antilógica protagórica demonstra haver duas razões conflitantes entre si acerca de um mesmo assunto, então o λόγος, cindido em razões contrárias e equivalentes, encontra-se fadado a uma triste sina, que é a de jamais poder garantir que suas determinações expressem com absoluta certeza a verdade última dos objetos. Se esse é o estado de coisas ao qual todos encontram-se submetidos, então resta aos homens, *nolens volens*, apenas as boas e as más opiniões, que são, como diria Protágoras, “umas [melhores] que outras, mas não mais verdadeiras” (μὲν τὰ ἕτερα τῶν ἐτέρων, ἀληθέστερα δὲ οὐδέν)<sup>22</sup>.

Isso que acima caracterizamos por antilógica, não encontrou, historicamente, nenhuma outra recepção tão meticulosa e tão profunda quanto aquela que viria a obter dos antigos σκεπτικοί. À exceção dos cétricos pirrônicos, não temos notícia de nenhum sofista ou filósofo da Antiguidade que, atendo-se ao conflito das opiniões humanas e mais propriamente à τέχνη ἀντιλογική de Protágoras, tenha absorvido o caráter fundamental desses elementos e, a partir disso, tenha norteadado o princípio de oposição do λόγος na direção da sua plena realização. A tradição cétrica, descontínua quanto seja, retendo em si as lições medulares da ἀντιλογία, foi a única responsável pelo processo de ampliação e aperfeiçoamento do princípio antinômico, feito que alçou a dicotomia da palavra ao topo da hierarquia da *negatividade do pensar em geral*.

A história do processo de lapidação da antilógica (entendido como um esforço intelectual de cétricos de diferentes gerações) progrediu *pari passu* ao desenvolvimento da própria Σκέψις. Na aurora do pirronismo, a julgar pelos registros doxográficos de que temos notícia, a preocupação com o caráter ambivalente e antitético do λόγος foi atenuada pela valorização de uma πράξις existencial que – por meio da “indiferença” (ἀδιαφορία) e da “não afecção” (ἀπάθεια) – se considerava capaz de conduzir o cétrico à tão almejada ἀταραξία. Pirro de Élis, mais que qualquer outro, preocupou-se antes em viver tranquilo e indiferente do que envolver-se em disputas dialéticas, razão pela qual abraçou mais a vida indiferente que as intermináveis disputas verbais<sup>23</sup>. O esforço ascético pirroniano,

---

apresentada no *Theeteto*, não apenas não diverge dos conceitos protagóricos, mas é completamente coerente com eles.

<sup>22</sup> PLATO, *Theaetetus*, 167b.

<sup>23</sup> Como bem assinalou Victor Brochard: “Cansado das discussões eternas em que se deleitam seus contemporâneos, Pirro toma a decisão de responder a todas as perguntas: eu não sei nada. Esta é uma renúncia que ele opõe à vã ciência do seu tempo; é um meio que ele imagina para não se deixar entrelaçar nas redes da crística. [...] Seu espírito afasta-se da lógica para voltar-se inteiramente para as coisas morais; ele não pensa senão em viver feliz e tranquilo / *Las des discussions éternelles où se plaisent ses contemporains, Pyrrhon prend le parti de répondre à toutes les questions:*

em prol de uma vida impassível e tranquila – donde o afastamento do céptico de Élis das querelas discursivas –, é o que provavelmente explica o relato laerciano de que Pirro “era [...] hostilíssimo aos sofistas” (ἦν [...] πολεμιώτατος τοῖς σοφισταῖς)<sup>24</sup>. O próprio Tímon de Fliunte, em um de seus fragmentos, pergunta, em tom de perplexidade, como o mestre havia consigo escapar às sutilezas sofisticadas:

ὦ γέρον, ὦ Πύρρων, πῶς ἢ πόθεν ἔκδυσιν εὖρες  
λατρείης δοξῶν κενεοφροσύνης τε σοφιστῶν  
καὶ πάσης ἀπάτης πειθοῦς τ’ ἀπελύσαο δεσμά;  
οὐδ’ ἔμελέν σοι ταῦτα μεταλλῆσαι, τίνες αἴραι  
Ἑλλάδ’ ἔχουσι, πόθεν τε καὶ εἰς ὃ τι κύρει ἕκαστα.  
Ó velho, ó Pirro, como e por onde descobriste um escape  
da servidão das opiniões e da frivolidade dos sofistas,  
e rompestes os grilhões de todo engano persuasivo?  
Não preocupava a ti investigar estas coisas, quais ventos  
percorrem a Hélade, de onde e para o que segue cada coisa.<sup>25</sup>

O flagrante desinteresse de Pirro para com as alterações sofisticadas é inversamente proporcional ao interesse que ele devota à vida tranquila. Seu êxito em livrar-se do que Tímon chama de “servidão das opiniões” (λατρίας δοξῶν) e “engano persuasivo” (ἀπάτης πειθοῦς), deve-se nomeadamente à ascese espiritual que o patrono da Σκέψις realiza com vista à consolidação da indiferença e da impassibilidade. Para Pirro, se as coisas se nos mostram indeterminadas e se nem nossas sensações ou opiniões nos permitem alcançar o saber, não há razão para que nos engajemos em vãs disputas dialéticas. A visão pirroniana em torno do conhecimento, que aponta para o estado de ignorância no qual se encontram os homens – “ignorância” que deve ser entendida à luz da conclusão negativa de Pirro quanto à capacidade de apreendermos a real natureza das coisas –, explica em larga medida o desprezo pirroniano pelas intermináveis disputas verbais, pelo palavrório retórico e pelas sutilezas erísticas, ervas daninhas que devem dar lugar, se se quer viver feliz e tranquilo, ao silêncio afásico e à abstenção das opiniões.

Poderia parecer, porém, pelo que acima dissemos, que Pirro é um misólogo, e que sua hostilidade aos sofistas, no fundo, é uma hostilidade ao λόγος: a especulação, a dialética, a antilógica, o apego às opiniões e às disputas argumentativas são para Pirro jogos pueris indignos de serem cultivados. Mas as coisas não são bem assim. Se a preocupação com a vida feliz e tranquila ocupou um lugar de destaque no ceticismo inaugural, deixando em segundo plano o uso metódico do discurso, não se segue dessa primazia filosófica que os primeiros cépticos tenham se despojado em absoluto da palavra, ou melhor, que eles não a tenham empregado com esmero e arte. Embora possamos dizer que o legado antilógico de Protágoras não floresceu

---

*je ne sais rien. C'est une fin de non-recevoir qu'il oppose à la vaine science de son temps; c'est un moyen qu'il imagine pour ne pas se laisser enlacer dans les rets de l'eristique. [...] Son esprit s'éloigne de la logique pour se tourner tout entier vers les choses morales, il ne songe qu'à vivre heureux et tranquille*” (BROCHARD, 1887, p. 67).

<sup>24</sup> DL, IX, 69.

<sup>25</sup> *Ibidem*, IX, 65.

no ceticismo inicial como haveria de florescer com os céticos posteriores, vide Enesidemo e Sexto Empírico, devemos reconhecer alguns traços do domínio antitético do λόγος já em Pirro e Tímon.

O anedotário laerciano, cujo valor é às vezes subestimado, nos diz algo deveras pertinente quanto à capacidade de Pirro de manejar o discurso: “Nas investigações [filosóficas] ele não era menosprezado por ninguém, em razão de [poder] falar tanto meticulosamente quanto em resposta a uma pergunta” (ἐν τε ταῖς ζητήσεσιν ὑπ’ οὐδενὸς κατεφρονεῖτο διὰ τὸ καὶ διεξοδικῶς λέγειν καὶ πρὸς ἐρώτησιν)<sup>26</sup>. Na brevidade dessa sentença, encontramos a indicação de que Pirro dominava com rigor a palavra, seja nas exposições mais longas, seja nos colóquios que progridem por perguntas e respostas. Ao nosso ver, o trecho supracitado faz emergir, das águas turvas que envolvem a doutrina pirroniana, uma imagem que atenua, até certo ponto, o misologismo que se pode deduzir do desdém que Pirro manifestou pelas disputas dialéticas.

Se com o relato laerciano a aversão de Pirro ao discurso é atenuada, dá-se, porém, com a síntese da doutrina pirroniana exposta no comentário anônimo ao *Teeteto*, uma autêntica e firme aproximação entre Pirro e a antilógica protagórica:

κατὰ γὰρ τὸν ἄνδρα οὔτε ὁ λόγος κριτήριον, οὔτε ἀληθῆς φαντασία, οὔτε πιθανή, οὔτε καταληπτική, οὔτε ἄλλο τι τοιοῦτον, ἀλλ’ ὅτι νῦν αὐτῷ φαίνεται. εἰ δὲ τοιοῦτόν ἐστιν ἢ οὐκ ἔστιν, οὐκ ἀποφαίνεται διὰ τὸ οἶεσθαι ἰσοκρατεῖς εἶναι τοὺς εἰς τὰ ἐναντία λόγους καὶ ἐξομαλίζειν τὰς φαντασίας, καὶ μηδεμίαν ἐν αὐταῖς ἀπολείπειν διαφορὰν κατὰ τὸ ἀληθὲς ἢ ψεῦδος, πιθανὸν ἢ ἀπίθανον, ἐναργὲς ἢ ἀμυδρόν, καταληπτὸν ἢ ἀκατάληπτον, ἀλλὰ πάσας εἶναι ὁμοίας, οὐδὲ τοῦτο δογματίζοντος, ὡς ἔπεται τὸ διεξάγειν κατὰ τὴν αἰὶ προσπίπτουσαν φαντασίαν, οὐχ ὡς ἀληθῆ, ἀλλ’ ὅτι νῦν αὐτῷ φαίνεται.

Pois, segundo Pirro, nem a razão é critério, nem a representação é verdadeira, nem é provável, nem apreensível, nem algo diverso disso, mas o que lhe aparece no momento. E se é ou não de tal modo, ele não declara, pois supõe que os discursos em oposição são de igual força e tornam homogêneas as representações, e nenhuma diferença admite entre elas segundo o verdadeiro ou o falso, provável ou improvável, evidente ou obscuro, apreensível ou inapreensível, mas todas as coisas são iguais, e nem isto [ele declara] de modo dogmático: assim segue que ele vive segundo a representação que sempre sobrevém, não como verdadeira, mas que lhe aparece no momento.<sup>27</sup>

O ponto mais significativo do excerto, no que tange à relação de Pirro com a arte antilógica, é o que lhe atribui o domínio da força enantiológica do λόγος como potência de oposição discursiva isocrática, isto é, como potência discursivo-antitética de igual força: a hipótese de Pirro ter explorado a contrariedade da palavra o faz convergir uniformemente com a ideia protagórica de haver, acerca de um mesmo ponto em disputa, dois discursos que se opõem mutuamente. Isso nos mostra, em primeiro lugar, que o menoscabo de Pirro ao conflito dialético, atestado por outras fontes doxográficas, é antes o resultado de uma crítica conscienciosa à possibilidade do conhecimento que mero fruto de uma velada ignorância; por isso,

<sup>26</sup> DL, IX, 64.

<sup>27</sup> CAIZZI, T80.

se há um misologismo em Pirro, ele não é de modo algum irrestrito ou irrefletido<sup>28</sup>. Ademais, à luz do poder simbólico que a noção de ἐναντίοι λόγοι encerra, vemos de modo claro que Pirro aparece ornado de uma δύναμις ἀντιθετική muito afim com a τεχνή ἀντιλογική de Protágoras, algo que talvez extrapole o que legitimamente podemos atribuir a Pirro, mas que, em contrapartida, por apontar para um singular elemento intelectual que insiste em se imiscuir à figura de Pirro, precisa certamente ser levado a sério.

Para a intelectualidade cristã da Antiguidade Tardia, seja na parte ocidental, submetida à influência de Roma, seja na parte oriental, que vivia ao abrigo dos poderes de Constantinopla, uma coisa era assaz evidente: Pirro de Élis foi um dos maiores expoentes da arte de disputar com palavras. Hipólito de Roma, em sua obra Φιλοσοφούμενα, refere-se a Pirro como “o primeiro a introduzir a inapreensibilidade de todas as coisas, assim como a argumentar em ambos os lados, mas não declarar nada” (τὴν ἀκαταληψίαν ἀπάντων πρῶτος εἰσήγαγεν, ὡς ἐπιχειρεῖν μὲν εἰς ἑκάτερα, μὴ μέντοι ἀποφαίνεσθαι μηδέν)<sup>29</sup>. O bispo da Igreja de Salamina, Epifânio, também nos legou, em seu Πανάριον, um interessante registro sobre Pirro, no qual a δύναμις argumentativa e a habilidade refutatória do pai da Σκέψις são destacadas: “Pirro de Élis, tendo reunido todos os dogmas dos outros sábios, escreveu antíteses a eles, refutando as opiniões deles, e nenhum dogma tomou para si” (Πύρρων ἀπὸ Ἡλίδος τῶν ἄλλων σοφῶν τὰ δόγματα συναγαγὼν πάντα ἀντιθέσεις αὐτοῖς ἔγραψεν, ἀνατρέπων τὰς δόξας αὐτῶν καὶ οὐδενὶ δόγματι ἠρέσκετο)<sup>30</sup>. Como se pode notar, ambos os testemunhos aludem à capacidade de Pirro de erigir antíteses, de pôr em confronto um λόγος a outro, de realizar, em suma, oposições discursivas nos mesmos moldes da arte antilógica de Protágoras.

Os registros desses expoentes da cristandade da Antiguidade Tardia, assim como os relatos de autores pagãos do mesmo período, devem ser assimilados – em razão da distância temporal que se encontram em relação a Pirro – de maneira cautelosa. Como já mencionamos, o florescimento e a assimilação da descoberta protagórica do antagonismo entre os λόγοι progridem em consonância com o desenvolvimento histórico do pirronismo. Nesse sentido, não devemos superestimar a competência pirroniana quanto à prática de produzir oposições, imaginando haver, já em Pirro, uma aplicação metódica do princípio segundo o qual sempre é possível disputar de um lado e outro de uma mesma questão. Se é isso que alguns testemunhos tardios deixam transparecer, então temos de interpretá-los como fruto de uma indistinção entre o fundador da Σκέψις e a tradição que se formou sob sua inspiração.

Quando Gregório de Nazianzo, patriarca de Constantinopla, acusou os “céticos” pela proliferação das querelas discursivas nas igrejas da Ásia Menor, ele considerou, como se fossem uma só coisa, as ideias e os preceitos de Pirro e de Sexto, atribuindo-lhes a culpa pela disseminação da doença do conflito argumentativo: “Desde que os Sextos, os Pirros e a linguagem antitética, como uma terrível e maligna doença, corromperam nossas Igrejas, a tagarelice foi tomada por cultura” (ἀφ’ οὗ δὲ Σέξτοι, καὶ Πύρρωνες, καὶ ἡ ἀντίθετος γλῶσσα, ὥσπερ τι νόσημα δεινὸν καὶ κακὴθες, ταῖς Ἐκκλησίαις ἡμῶν εἰσεφθάρη· καὶ ἡ φλυαρία παιδευσίς ἔδοξε)<sup>31</sup>. Ao imputar aos prosélitos das ideias de Pirro e Sexto a responsabilidade de ter

<sup>28</sup> Cf. Mario Dal Pra, *Lo scetticismo greco*, 1974, vol. I, p. 70-72.

<sup>29</sup> Caizzi, T82.

<sup>30</sup> *Ibidem*, T84. É claro que, como Pirro nada escreveu, devemos ler o verbo “escrever” como “elaborar”.

<sup>31</sup> CAIZZI, T89.

corrompido, por meio de uma ἀντίθετος γλῶσσα, as igrejas do oriente, Gregório atribuiu automaticamente a Pirro e Sexto, sem qualquer distinção qualitativa, o domínio, o uso e o ensinamento de uma linguagem antitética, como se não tivesse havido, entre Pirro e Sexto, nenhuma diferença nesse âmbito, o que é absurdo, porquanto não podemos legitimamente conferir a Pirro a mesma sofisticação dialética que verificamos em Sexto. Ao fim e ao cabo, por mais que estejamos propensos a reconhecer o valor dos testemunhos que atestam o domínio de uma *ars disputandi* em Pirro, as evidências nos constroem a reconhecer no céptico de Élis não mais que uma manifestação germinal e assistemática do princípio antilógico<sup>32</sup>.

Se Pirro manifestou, rudimentar quanto seja, alguma habilidade na confecção de discursos diametralmente opostos, e se o pirronismo aprimorou, à proporção que se desenvolvia historicamente, o princípio antilógico, então é de se esperar que Tímon de Fliunte, o intérprete do pensamento de Pirro, tenha também absorvido e praticado a arte de erigir oposições. Além de filósofo, Tímon foi um poeta e amante da literatura, e o fato de ter sido um φιλογράμματος, para usarmos um termo laerciano, fez com que seu ceticismo fosse expresso, na maioria das vezes, sob os parâmetros estéticos da poesia helenística. A despeito do conhecido desprezo timoniano pela logomaquia dos filósofos, podemos encontrar em sua obra satírico-poética mais importante, os Σίλλοι, alguns indícios favoráveis ao apreço de Tímon pela antilógica. Numa obra como as *Sátiras*, destinada a vilipendiar os dogmáticos, Tímon enaltece “a grande força de Zenão de língua dupla” (ἀμφοτερογλώσσου τε μέγα σθένος [...] Ζήνωνος)<sup>33</sup>, além de colocar, na boca de Xenófanes, palavras que lamentam o não cultivo do pensamento ambivalente:

ὦς καὶ ἐγὼν ὄφελον πυκινού νόου ἀντιβολῆσαι  
ἀμφοτερόβλεπτος. δολίη δ' ὁδῶ ἐξαπατήθην  
πρεσβυγενῆς ἔτ' ἐὼν καὶ ἀμενθήριστος ἀπάσης  
σκεπτοσύνης. ὅππῃ γὰρ ἐμὸν νόον εἰρύσαιμι  
εἰς ἓν ταυτό τε πᾶν ἀνελύετο· πᾶν δ' ἐὼν αἰεὶ  
πάντῃ ἀνελκόμενον μίαν εἰς φύσιν ἴσταθ' ὁμοίην.

Quem dera eu também tivesse obtido o proveito de um pensamento arguto que olhasse para ambos os lados! Mas fui enganado pelo caminho falaz, sendo eu já velho e descuidado de toda investigação.

Pois em qualquer direção que eu dirigisse meu pensamento, tudo se dissolvia no Um e no Mesmo; e tudo, existindo sempre,

---

<sup>32</sup> O cuidado e a ponderação da pesquisadora Decleva Caizzi fizeram-na manifestar, sobre a questão em pauta, estas sensatas palavras: “[...] o método antilógico era um componente do pirronismo antigo; a sua conexão com a sofística, porém, precisa ser cautelosa ao atribuir um uso sistemático a Pirro, inimigo por excelência dos sofistas / [...] *il metodo antilogico era una componente del Pirronismo antico; il suo collegamento con la Sofistica deve però render cauti nell'attribuirne un uso sistematico a Pirrone, nemico per eccellenza dei Sofisti*” (CAIZZI, 2020, p. 176). Se é lícito afirmar que os elementos antilógicos da linguagem fizeram parte da πράξις argumentativa de Pirro, não se deve, porém, em virtude dessa presença, exagerar a sofisticação do seu uso: mostrar que o princípio protagórico dos dois λόγοι ἀντικείμενοι esteve presente na aurora do pirronismo, mesmo que embrionariamente, é tudo que nos cabe.

<sup>33</sup> DIELS, fr. 45.

arrastando-se por todos os lados, permanecia uma mesma natureza.<sup>34</sup>

A então chamada “língua dupla” (ἀμφοτερογλώσσος), isto é, a δύναμις de argumentar *in utramque partem*, assim como o pensamento arguto que “olha para ambos os lados” (ἀμφοτερόβλεπτος), aparecem nos fragmentos timonianos como qualidades intelectuais positivas. Aqui, conforme interpretamos, a *linguagem dupla* se faz marca distintiva da potência crítica do pensar, pois é por seu intermédio que as fragilidades das opiniões e dos dogmas se revelam. Ademais, a condição para que o filósofo obtenha tal capacidade não é trivial, visto que o pensamento necessita resistir às ideias enganosas e, ao mesmo tempo, ser capaz de *olhar para ambos os lados*, de modo a divisar a dicotomia que jaz imbricada em todo dizer. Se Protágoras extraiu das δόξαι a matéria-prima para plasmar a arte antilógica, Tímon, por sua vez, ao contemplar o interminável conflito das opiniões, concluiu que “os homens são odres preenchidos de opiniões vazias” (ἄνθρωποι κενεῆς οἰήσιος ἔμπλεοι ἄσκοί)<sup>35</sup>, e essa vacuidade das convicções individuais, cuja nulidade gnosiológica os φιλόδοξοι não enxergam, se deve ao fato de todo dizer poder ser contradito, toda afirmação negada e toda negação afirmada. Tímon absorve o dizer antitético para pôr em suspeita ambos os lados do discurso tético-especulativo, avançando contra a tendência asseverativa dos homens, conforme se pode observar no trecho de Aristocles (*apud*. Eusébio), indagações a respeito da razão de ser da afirmação e da negação – além de indagar sobre o porquê da própria indagação –: “como diz Tímon, por que ‘sim’ e por que ‘não’, e por que o próprio ‘por quê?’” (ὥς φησι Τίμων, διὰ τί ναὶ καὶ διὰ τί οὐ καὶ οὐτὸ τὸ διὰ τί διὰ τί)<sup>36</sup>. Tal como Pirro, Tímon jamais priorizou a aplicação sistemática do princípio antinômico, e por mais que tenha reconhecido o mérito da antilogia<sup>37</sup>, preferiu o exercício do escárnio e da indiferença<sup>38</sup>.

Contudo, é somente com o reavivamento do pirronismo em Alexandria, levado a efeito por Enesidemo de Cnossos, que a expansão e o aprimoramento do princípio antinômico do λόγος veio a se efetivar integralmente na Σκέψις. Esse estado de coisas, dada a infortunada perda das obras do céptico cretense, tem como sua melhor testemunha as palavras de Fócio, que, em sua obra Βιβλιοθήκη, resumiu os oito livros que formavam os Πυρρόωνιοι λόγοι – *opus magnum* de Enesidemo. O registro do patriarca de Constantinopla, cuja lisura não costuma ser contestada<sup>39</sup>, traz a lume

<sup>34</sup> *Ibidem*, fr. 59.

<sup>35</sup> DIELS, fr. 11.

<sup>36</sup> EUSEBIUS, *Prae. Evang.*, XIV, 18, 7.

<sup>37</sup> Nas *Sátiras*, sem qualquer tom de censura, Tímon alude a Protágoras da seguinte forma: “E Protágoras, homem gregário, que soube habilmente guerrear com palavras / Πρωταγόρης τ’ ἐπιμεικτος ἐριζέμεναι εὖ εἰδώς” (DIELS, fr. 47). Na mesma obra, ao buscar comunicar, conforme sustentou Curt Wachsmuth (1903), certa “capacidade de disputar” (*disputandi facultatem*) de Pirro, Tímon escreveu: “Certamente nenhum mortal rivalizaria com Pirro / οὐκ ἔν δὴ Πύρρωνί γ’ ἐρίσσειεν βροτὸς ἄλλος” (DIELS, fr. 8).

<sup>38</sup> Se acrescentarmos a ressalva de que o desprezo de Pirro e a zombaria de Tímon pela dialética não foram irrestritos e não os tornaram alheios à arte antilógica, podemos tirar proveito das palavras de Victor Brochard, que, referindo-se a Tímon, declara: “Como seu mestre, é a prática, a maneira de viver que ele tinha sobretudo em vista. Pirro tinha desenhado a dialética, Tímon zombou dela / *Comme son maître, c’est la pratique, la manière de vivre qu’il avait surtout en vue. Pyrrhon avait dédaigné la dialectique, Timon s’en est moqué*” (BROCHARD, 1887, p. 90).

<sup>39</sup> Richard Bett, ao examinar o resumo fociano dos *Discursos Pirrônicos*, diz que: “[...] comparações entre a linguagem da passagem de Fócio e a linguagem empregada em numerosas breves alusões a Enesidemo em Sexto e em Diógenes Laércio, assim como as comparações entre esta passagem de Fócio e seus resumos de alguns outros livros, sugerem que Fócio está tomando

um forte indício de que Enesidemo não apenas deteve um sólido domínio do princípio antilógico, mas que também o empregou de maneira profundamente rigorosa. Enesidemo, conforme nos afiança a pena do erudito bizantino, ao tratar: “[...] acerca do movimento, da sensação e das particularidades em relação às mesmas, trabalhando diligentemente as contradições equivalentes, arrasta tais coisas até o inatingível e o inapreensível” ([...] *περὶ κινήσεως καὶ αἰσθήσεως καὶ τῶν κατ’ αὐτὰς ἰδιωμάτων, τὰς ὁμοίας περιεργαζόμενος ἐναντιολογίας, εἰς τὸ ἀνέφικτον καὶ ἀκατάληπτον ὑποφέρει καὶ αὐτὰ*)<sup>40</sup>. O mais relevante nesse trecho é atentar, sobretudo, para o modo por meio do qual Enesidemo coloca os itens examinados, isto é, o movimento e a sensação, fora do alcance e da apreensão humanas. Esse modo em particular é comunicado pela expressão “τὰς ὁμοίας περιεργαζόμενος ἐναντιολογίας”, cuja forma participial, *περιεργαζόμενος*, derivada do verbo *περι-εργάζομαι* (“trabalhar com cuidado, exaustivamente, diligentemente etc.”), indica a modalidade própria do procedimento argumentativo de Enesidemo, que calcada no labor cuidadoso, esmerado, exaustivo e diligente, explora “as contradições equivalentes” (τὰς ὁμοίας ἐναντιολογίας), isto é, o entrelaçamento antitético das razões de igual força, a fim de arrastar as noções em exame ao abismo da inapreensibilidade.

Se Enesidemo tivesse apenas se limitado à exploração metódica do caráter enantiológico dos discursos, isso, por si só, já seria suficiente para que o enxergássemos como um dos membros da Σκέψις que acolheu com rigor a τέχνη ἀντιλογική e a pôs a serviço das causas aporéticas e eféticos do pirronismo<sup>41</sup>. Nossa suspeita, porém, tendo em conta as inúmeras contribuições de Enesidemo ao pirronismo<sup>42</sup>, é de que com ele a ampliação do escopo da ἀντιλογία tenha efetivamente se concretizado, de modo que o alcance da antinomia discursiva veio a se expandir para além dos limites da negação e da afirmação, abrangendo por completo o vasto horizonte de realização do conflito dos λόγοι. Em outras palavras, é a partir de Enesidemo que o princípio antinômico deixa de restringir-se à fórmula de oposição que contrapõe a uma razão A uma razão ~A, e passa a contemplar o conflito de todos os modos possíveis. Essa ampliação da antilógica pode ser mais claramente percebida nos cinco tropos de Agripa, em especial no tropo da διαφωνία, no qual se busca demonstrar a universalidade do desacordo filosófico pelo entrelaçamento de concepções que não necessariamente são opostas entre si. Seja como for, para que captemos adequadamente o aperfeiçoamento cético da ἀντιλογία protagórica, devemos olhar para o pensamento filosófico sextiano e identificá-lo

---

muito cuidado para manter seu resumo objetivo, e que frequentemente, ao menos, ele está empregando as próprias palavras de Enesidemo / [...] *comparisons between the language of the Photius passage and language employed in numerous briefer allusions to Aenesidemus in Sextus and in Diogenes Laertius, as well as comparisons between this passage of Photius and his summaries of some other books, suggest that Photius is taking good care to keep his summary objective, and that frequently, at least, he is employing Aenesidemus' actual words*” (BETT, 2000, p. 192).

<sup>40</sup> PHOTIUS, *Bibliothèque*, 170b.

<sup>41</sup> A sistemática aplicação do princípio antinômico do λόγος, realizada por Enesidemo, ocupou um lugar tão destacado em seu pensamento que Zéuxis, um dos seus sucessores, chegou a escrever uma obra intitulada *Acerca dos discursos duplos – Περί διττῶν λόγων* – (Cf. DL, IX, 106), na qual ele teria exposto, conforme conjectura Victor Brochard, “[...] o pró e contra sobre diversos assuntos, de maneira a concluir pela *isosthénia*, quer dizer, pelo igual valor das teses contraditórias e, conseqüentemente, pela impossibilidade de afirmar qualquer coisa / [...] *le pour et le contre sur divers sujets, de manière à conclure à l'isosthénie, c'est-à-dire à l'égale valeur des thèses contradictoires, et par suite à l'impossibilité de rien affirmer*” (BROCHARD, 1887, p. 236).

<sup>42</sup> Vide os dez tropos da suspensão do juízo, o argumento contra a cognoscibilidade da verdade, contra a noção de causa, contra a demonstração etc.

como o cume desse aperfeiçoamento, afinal, é preciso sublinhar, em nenhuma outra fonte do pirronismo grego é conferido ao princípio dos λόγοι ἀντικείμενοι tamanha centralidade, sistematicidade e amplitude de aplicação.

Na obra que corresponde à summa do pirronismo antigo, os *Esboços Pirrônicos*, Sexto Empírico articula o princípio antilógico sob a nomenclatura de “capacidade antitética” (δύναμις ἀντιθετική), tendo-a como parte constitutiva e imprescindível da própria Σκέψις, sendo, pois, um elemento inseparável da definição e do que representa o ceticismo. Ao responder à questão “τί ἐστι Σκέψις”, Sexto Empírico diz:

Ἔστι δὲ ἡ σκεπτικὴ δύναμις ἀντιθετικὴ φαινομένων τε καὶ νοουμένων καθ’ οἰονδήποτε τρόπον, ἀφ’ ἧς ἐρχόμεθα διὰ τὴν ἐν τοῖς ἀντικείμενοις πράγμασι καὶ λόγοις ἰσοσθένειαν τὸ μὲν πρῶτον εἰς ἐποχὴν, τὸ δὲ μετὰ τοῦτο εἰς ἀταραξίαν.

O ceticismo é a capacidade de criar antítese entre coisas que aparecem e que são pensadas de todo e qualquer modo, [capacidade] a partir da qual somos levados, devido à equipolência nos argumentos e nas coisas que se contrapõem, primeiro à suspensão do juízo, após isso à imperturbabilidade.<sup>43</sup>

Com o interior exposto pelas mãos do médico grego – para o qual as palavras são muitas vezes ferramentas de dissecação conceitual –, o pirronismo se revela como sendo precipuamente uma “capacidade antitética” (δύναμις ἀντιθετική). Mas o que isso quer dizer? Antes de tudo, notemos: o substantivo δύναμις, cujas principais acepções são as de “força”, “poder”, “capacidade”, “habilidade”, “potência”, provém do verbo δύναμαι, que significa, dentre outras coisas, “poder”, “ser capaz de”, “ter força”; ou seja, a δύναμις ἀντιθετική, enquanto elemento constitutivo do pirronismo, aponta para um modo próprio de realização fundado na potencialidade de criação antitética. Tendo em si a capacidade de erigir antíteses entre tudo quanto repousa sobre a esfera do fenômeno e do nómeno, e atuando de modo a fazer da *oposição discursiva* uma ponte para o estado efético, quer dizer, para o estado suspensivo, o pirronismo atualiza a τέχνη λογική ao ponto de tornar a força enantiológica da palavra, cuja plenitude se dá justamente com e nessa atualização, a máxima expressão do *momento antinômico do pensar em geral*.

συστάσεως δὲ τῆς σκεπτικῆς ἐστὶν ἀρχὴ μάλιστα τὸ παντὶ λόγῳ λόγον ἴσον ἀντικεῖσθαι· ἀπὸ γὰρ τοῦτο καταλήγειν δοκοῦμεν εἰς τὸ μὴ δογματίζειν.

O princípio primordial da disposição cética é de que a todo discurso se contrapõe um discurso equivalente; pois a partir disto, pensamos, segue-se o não dogmatizar.<sup>44</sup>

Assimilar a antinomia inerente aos discursos como princípio primeiro, como o mais elementar e fundamental princípio, significa aceitar o ônus de conduzir o

---

<sup>43</sup> SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 8.

<sup>44</sup> SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 12.

processo histórico da plena realização do pensar antinômico. O ceticismo pirrônico, constituindo-se a partir de tal ἀρχή e atuando – conscientemente ou não – sob o pano de fundo dessa egrégia tarefa, ultrapassou, de modo progressivo, as linhas que delimitavam as fronteiras da ἀντιλογία de Protágoras, de sorte que pôde conferir ao *aspecto antitético do pensar em geral* uma nova dimensão e um novo significado. Uma vez que a *capacidade de oposição cética* deixou de se restringir, como na arte do sofista de Abdera, ao domínio da afirmação e da negação, adveio à Σκέψις a possibilidade de ampliar o escopo da sua πράξις antitética e de incorporar ao seu λόγος, de maneira inteiramente *sui generis*, todas as modalidades argumentativas que formam e mobilizam o exuberante multiverso do conflito dialético. Como explica Sexto: “Não adotamos, absolutamente, ‘argumentos que se contrapõem’, como afirmação e negação, mas simplesmente no sentido de [‘argumentos’] que se confrontam” (ἀντικειμένους δὲ λόγους παραλαμβάνομεν οὐχὶ πάντως ἀπόφασιν καὶ κατάφασιν, ἀλλ’ ἀπλῶς ἀντὶ τοῦ μαχομένων)<sup>45</sup>.

Transcendendo e abarcando a antinomia binária das proposições que se decompõem em afirmação e negação, tais como Deus é causa e Deus não é causa, Sexto Empírico expande as possibilidades de efetivação da potência enantiológica com a qual o ceticismo passou a se identificar. Longe de circunscrever-se à lógica da oposição que descansa sobre a ação de afirmar ou negar, o pirronismo sextiano abrange, em sua habilidade de erigir oposições, ideias e teses que, embora sejam concorrentes, não são necessariamente contrárias entre si. Nesse sentido, a técnica de extrair predicados contrários de um mesmo objeto, torna-se, *ipso facto*, apenas uma das inúmeras veredas do desdobramento do λόγος pirrônico, posto que a contradição em sentido estrito é suprassumida pelo véu pluriforme do conflito universal<sup>46</sup>. A busca pela ultimação da antiteticidade da linguagem, que perpassa o conjunto dos escritos de Sexto, explica por que o médico pirrônico reservou a quase totalidade da sua obra ao exercício antitético: tanto os livros II e III das *Hipótiposes* quanto os onze livros dos *Adversus Mathematicos* destinam-se à demonstração do universo conflituoso e isonômico dos λόγοι em disputa.

Esse cenário polêmico, no sentido originário do termo, e que também caracteriza a expansão cética da ideia de oposição, ganha seus contornos mais destacados com o τρόπος da “divergência” (διαφωνία), cuja τέλος consiste em revelar, em relação aos assuntos que se discute, o que Sexto denominou de “disputa indecível” (ἀνεπίκριτον στάσις), isto é, a controvérsia indirimível que se encontra enraizada “na vida ordinária e entre os filósofos” (παρὰ τε τῷ βίῳ καὶ παρὰ τοῖς φιλοσόφοις) e que nos impele ao reconhecimento de que “não somos capazes de escolher ou rejeitar coisa alguma” (οὐ δυνάμενοι αἰρεῖσθαι τι ἢ ἀποδοκιμάζειν)<sup>47</sup>. Nas palavras de Diógenes Laércio<sup>48</sup>, o tropo da διαφωνία mostra com extrema clareza que toda questão proposta, seja ela examinada ou não por filósofos, “exibe grandíssimo conflito e plena confusão” (πλείστης μάχης καὶ ταραχῆς πλήρης ἀποδεικνύει), razão pela qual os céticos, dirá Sexto, “terminam na suspensão do juízo” (καταλήγομεν εἰς ἐποχήν).

O que o tropo da διαφωνία comunica não é senão o caráter radicalmente antagonico que pervade de modo generalizado as doutrinas filosóficas e as opiniões

<sup>45</sup> *Ibidem*, PH, I, 10.

<sup>46</sup> Para uma maior compreensão da diversidade e amplitude da noção de *oposição* no ceticismo sextiano, ver as observações de Plínio Smith em *Sextus Empiricus' Neo-pyrrhonism: Skepticism as a Rationally Ordered Experience*, 2022, p. 161-167.

<sup>47</sup> SEXTUS EMPIRICUS, PH, I, 165.

<sup>48</sup> DL, IX, 88.

humanas. Se bem observado, o olhar retrospectivo de Sexto, que se volta à aurora do pensamento grego e progride até a época helenística, faz emergir a imensa dissensão histórica que sempre esteve presente *entre e no interior* das diferentes doutrinas filosóficas: cada corrente de pensamento, em confronto com as doutrinas adversárias, na medida em que se autocompreende como a única e verdadeira filosofia, denuncia e critica as filosofias rivais, julgando-as como doutrinas espúrias<sup>49</sup>. O desenrolar da história da filosofia é o palco de um infundável πόλεμος doutrinal. Digladiam-se as doutrinas filosóficas. Devoram-se vorazmente umas às outras. Revelam, nesse conflito inesgotável, um espetáculo filosofágico que adia a perspectiva de uma “concordia” (συμφωνία) entre os sistemas filosóficos *ad kalendas graecas*. A perpetuação do desacordo, nascido da disparidade de pensamento e de sentimento humanos, assim como do conjunto das idiosincrasias que perfazem as individualidades, torna-se a força motriz das muitas predileções que alimentam a imaginação e o pensamento. É daí que se pode deduzir o motivo de a especulação filosófica ter produzido, no intercâmbio das ideias que a impulsionam, as mais variadas hipóteses, teorias e teses acerca do mesmo objeto de inquirição, plasmando, dessa forma, o cenário conflituoso que inspiraria Sexto a relembrar os versos de Eurípidas que dizem: “Se o justo e o sábio fossem para todos uma única e mesma coisa / não haveria entre os homens disputa contenciosa” (εἰ πᾶσιν ταὐτὸν καλὸν ἔφθ σοφόν θ’ ἅμα / οὐκ ἦν ἂν ἀμφίλεκτος ἀνθρώποις ἔρις)<sup>50</sup>.

Talvez não haja no *corpus* sextiano um exemplo tão claro de διαφωνία quanto aquele que gira em torno da controvérsia sobre o princípio da φύσις. A dinâmica agonística que distingue a διαφωνία filosófica aparece no debate sobre o princípio material da φύσις de forma extensa e variada, sendo apresentada por Sexto por meio da enumeração dos diferentes postulados dos φυσικοί. O grande número de princípios aduzidos mostra a profunda discrepância dos dogmáticos no que concerne ao princípio originário da φύσις, e isso, na visão de Sexto, indica que esses mesmos princípios são de todo “inapreensíveis” (ἀκατάληπτοι). O profuso catálogo sextiano, que mostra o incrível dissenso entre os naturalistas, assinala que Ferécides de Siro “declarou ser terra o princípio de todas as coisas” (γῆν εἶπε τὴν πάντων εἶναι ἀρχήν); Tales de Mileto, “água” (ὔδωρ); Anaximandro, seu discípulo, “o ilimitado” (τὸ ἄπειρον); Anaxímenes e Diógenes de Apolônia, “ar” (ἀέρα); Hípaso de Metaponto, “fogo” (πῦρ); Xenófanes de Cólofon, “terra e água” (γῆν καὶ ὔδωρ); Oinópides de Quios, “fogo e ar” (πῦρ καὶ ἀέρα); Hípon de Régio, “fogo e água” (πῦρ καὶ ὔδωρ); Onomácrito, em sua obra *Orphica*, sustentou que o princípio era “fogo, água e terra” (πῦρ καὶ ὔδωρ καὶ γῆν); Empédocles – bem como os estoicos – diziam ser “fogo, ar, água e terra” (πῦρ ἀέρα ὔδωρ γῆν); Aristóteles, “fogo, ar, água, terra e o corpo que se move em círculo”<sup>51</sup> (πῦρ ἀέρα ὔδωρ γῆν, τὸ κυκλοφορητικόν); Demócrito e Epicuro, “átomos” (ἀτόμους); Anaxágoras de Clazômenas, “homeomerias” (ὁμοιομερείας); Diodoro Crono, “corpos mínimos e indivisíveis”

<sup>49</sup> Conforme escreveu Porchat: “Não lhes era difícil, aos céticos, constatar o desacordo permanente entre as diferentes posições da filosofia dogmática da antiguidade, as recíprocas condenações e desmentidos, a infinita multiplicidade de suas opiniões inconciliáveis, a contestação incessante dos argumentos adversários. Polêmica secular e sempre renascente, que concernia, não apenas ao conteúdo material da Verdade procurada e pretensamente descoberta, mas à própria noção de verdade e à natureza do ou dos critérios válidos para estabelecê-la” (PORCHAT, 2007, p. 15).

<sup>50</sup> SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 86. O trecho corresponde aos versos 499-500 das *Fenícias* de Eurípidas.

<sup>51</sup> Trata-se da *quinta essentia* ou “éter” (αιθήρ), elemento que, segundo Aristóteles, tanto preenchia a região do universo acima da esfera terrestre quanto formava as esferas celestes supralunares.

(ἐλάχιστα καὶ ἀμερῆ σώματα); Heraclides Pôntico e Asclepiades de Bitínia, “massas homogêneas” (ἀνάμους ὄγκους); os seguidores de Pitágoras, “os números” (τοῦς ἀριθμούς); os matemáticos, “os limites dos corpos” (τὰ πέρατα τῶν σωμάτων); Estratão, o físico, “as qualidades” (τὰς ποιότητας)<sup>52</sup>.

A pluralidade de postulados sobre a ἀρχή da φύσις – a partir da qual se atesta a nebulosa controvérsia entre os φυσικοί acerca da especulação cosmogônica – mostra que a tradição filosófica, desde seu momento inaugural, encontrava-se imersa no tempestuoso mar do desacordo<sup>53</sup>. Para Sexto, a guerra doutrinal é um estigma do qual a filosofia jamais conseguiu livrar-se, posto que o próprio desdobramento histórico da filosofia, em virtude da perpétua re-inauguração da polêmica dogmática, seria uma prova da voragem inominável da διαφωνία, ante a qual todo e qualquer produto tético do pensar, qualquer que fosse a forma que viesse a assumir, encontrar-se-ia, de maneira ineludível, submetido a tão indissolúvel e pertinaz πόλεμος. Evitando deliberadamente argumentar sobre o truísmo de que a constatação cética do desacordo filosófico é uma forte razão para a ἐποχή, importamos muito mais dimensionar o papel do *conflito* na consecução do δύναμις ἀντιθετική, posto que a superação da antilógica protagórica, deve-se, em ampla medida, à maneira pela qual o pirronismo explorou a διαφωνία.

A longa marcha sextiana rumo ao confronto com as partes da filosofia, isto é, contra a lógica, a física e a ética, patenteia como a *capacidade antitética* opera o mais radical processo de conflagração antinômica, fazendo com que se choquem de maneira sistemática e de todos os modos possíveis dogmas contra dogmas, razões contra razões, argumentos contra argumentos, tudo isso sob o imperativo de trazer à tona a perplexidade aporética que, *velit nolit*, corrói as colunas que sustentam o otimismo ontoepistêmico do pensamento tético-especulativo. A incompatibilidade dos sistemas filosóficos é um diamante bruto que o ceticismo se compraz em lapidar. Nesse antagonismo inconciliável reside a tensão de oposição que põe diretamente uma filosofia contra outra, de modo a sempre renovar as dissensões entre os δύο λόγοι que se contrapõem. Como bem salientou Porchat: “duas filosofias em contato são dois mundos que se enfrentam, visceralmente incompatíveis e ordenados sempre à negação um do outro”<sup>54</sup>. O ceticismo pirrônico, sob o prisma enantiológico que aqui buscamos articular, desponta como a força da razão que, movida pelo espírito antitético, golpeia inclemente a própria razão. No fundo, a *poiésis* antitética da Σκέψις devolve à razão, embevecida de si mesma, o senso dos seus limites e a visão da sua própria precariedade, fazendo-a perceber – como enuncia um primoroso verso de Sófocles – os “erros de uma mente demente” (φρενῶν δυσφρόνων ἀμαρτήματα)<sup>55</sup>, isto é, os erros de uma razão inebriada de presunção e altamente desmedida, para a qual o discurso, o seu próprio discurso (!), é a tradução fiel, irretocável e única da natureza última das coisas, do real em si e por si mesmo. Em

<sup>52</sup> SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, III, 30-32.

<sup>53</sup> Lançando um postulado contra o outro e trazendo a lume a multiplicidade de princípios opostos que são aduzidos como origem da φύσις, o cético aponta para um conflito de natureza irresolúvel, cuja possibilidade de resolução, por meio de um critério de verdade, também recai numa disputa interminável sobre a própria validade do critério proposto (Cf. Sexto Empírico, *PH*, II, 14-79 e *AM*, VII, 445). Com efeito, a dificuldade para se atingir um conhecimento seguro do princípio, revela-se como um traço característico da limitação cognoscitiva humana, para a qual o único “fármaco” termina por ser ou a quebra com as exigências da própria racionalidade enquanto instância basilar da demonstração (o que leva à adesão arbitrária e injustificada de uma asserção positiva) ou a abstenção total de toda afirmação tética.

<sup>54</sup> PORCHAT, 2006, p. 21.

<sup>55</sup> SOFOCLE, *Antigone*, v. 1261.

suma, podemos conceber que a τέχνη ἀντιλογική de Protágoras e a δύναμις ἀντιθετική dos cétricos, por terem em si a potência de criar as mais terríveis antinomias discursivas, constituem-se, cada qual em seu *modus essendi*, como autênticos pilares do caráter crítico-antinômico do pensar em geral, porquanto a partir delas e por meio delas cumpre-se, em sua unidade e totalidade, a destinação da força enantiológica do λόγος.

### Referências bibliográficas

- BETT, Richard. *Pyrrho, his antecedents, and his legacy*. New York: Oxford University Press, 2000.
- BROCHARD, Victor. *Les Sceptiques Grecs*. Paris: Imprimerie Nationale, 1887.
- CAIZZI, F. Declava. *Pirroniana*. Milano: Editora, Edizioni Universitarie LDE, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Pirrone Testemonianze*. Napoli: Bibliopolis, 1981.
- DAL PRA, Mario. *Lo Scetticismo Greco*. Bari: Editore Laterza, vol. I, 1974.
- DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1960.
- DIOGENE LAERZIO. *Vite et dottrine dei più celebri filosofi*. A cura di Giovanni Reale. Milano: Edizione Bompiani, 2005.
- ESCHILO; SOFOCLE; EURIPIDE. *Tutte le Tragedie*. A cura de Angelo Tonelli. Milano: Bompiani, 2013.
- EUSEBIUS. *Die Praeparatio Evangelica*. Ed. Karl Mars und Édouard des Places. Berlin: Akademie-Verlag, teil II, 1983.
- KERFERD, G. B. *The Sophistic Movement*. London: Cambridge University Press, 1981.
- LASK, André; MOST, Glenn. *Early Greek Philosophy – Sophists 1*. London: Harvard University Press, vol. VIII, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Early Greek Philosophy – Sophists 2*. London: Harvard University Press, vol. IX, 2016.
- OMERO. *Iliade*. A cura di Maria G. Ciani e Elisa Avezzi. Torino: UTET, 1998.
- PHOTIUS. *Bibliothèque*. Texte établi et traduit par René Henry. Paris: Les Belles Lettres, vol. III, 1962.
- PLATO. *Theaetetus, Sophist*. Translated by Harold North Fowler. Cambridge: Harvard University Press, 1952.
- PLATO. *Laches, Protagoras, Meno, Euthydemus*. Translated by W. R. M. Lamb. Cambridge: Harvard University Press, 1921.
- PORCHAT, Oswaldo. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- SEXTUS EMPIRICUS. Work in four volumes. *Outlines of Pyrrhonism*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. I, 1976.
- \_\_\_\_\_. Work in four volumes. *Against the Logicians*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. II, 1967.
- \_\_\_\_\_. Work in four volumes. *Against the Physicists and Against the Ethicists*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. III, 1968.
- \_\_\_\_\_. Work in four volumes. *Against the Professors*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. IV 1971.

- SMITH, Plínio. *Sextus Empiricus' Neo-Pyrrhonism: Skepticism as a Rationally Ordered Experience*. Cham: Springer, 2022.
- STESICHURUS. *The Poems*. Edited by M. Davis and P. J. Flingass. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- UNTERSTEINER, Mario. *I Sofisti*. Milano: Bruno Mondadori, 1996.